

Não há mais tempo a perder!

A avaliação do desempenho dos alunos a matemática foi o tema escolhido para a revista temática da Educação e Matemática, em 2020. Não deverá surpreender ninguém esta opção pela importância indiscutível que a avaliação assume, nomeadamente, no dia a dia dos alunos, dos professores, individual e coletivamente, e dos encarregados de educação. Importância porque está na base da decisão da progressão ou não dos alunos para o próximo ano de escolaridade e da construção da sua autoimagem e autoconfiança para fazer matemática. Importância porque pode condicionar a prática de ensino de matemática dos professores e criar-lhes muitas angústias e dúvidas quanto ao rigor e justiça das suas decisões. Importância porque nem sempre a avaliação e a classificação vão ao encontro das expectativas que os encarregados de educação têm decorrentes de processos pouco claros para si. Mas a avaliação é igualmente importante porque é através de práticas avaliativas com a intencionalidade de apoiarem a aprendizagem matemática e/ou o ensino que se podem criar contextos favoráveis para que todos os alunos sejam matematicamente competentes. Para que tal aconteça é necessário garantirem-se práticas de avaliação formativa que ocorram, de forma intencional, preparada, adequada e recorrente, na aula de matemática.

A investigação empírica desenvolvida em Portugal nas últimas décadas aponta contudo que, embora os professores reconheçam a importância do desenvolvimento sistemático de práticas de avaliação formativa no trabalho com os seus alunos, estas acabam por não acontecer com a regularidade desejável, por razões de ordem muito diversa. A título de exemplo, entre essas razões acontece pensar-se que uma prática avaliativa formativa exige acrescentar outras ações ao que já se faz, complexificando um cumprimento de currículo já por si difícil, ou que esta prática se faz através de apoios necessariamente individualizados, incompatíveis com turmas numerosas.

Mas eis que surge, nos primeiros dias de março de 2020, o primeiro caso de Covid-19 em Portugal, tendo-se-lhe seguido muitos mais. A realidade das escolas muda por completo, como todos sabemos. Há que ser capaz de dar resposta a uma situação totalmente nova, nunca antes vivida. Não é minha intenção desenvolver aqui os inúmeros desafios que os professores, bem como os alunos, tiveram de enfrentar mas sim focar-me num aspeto particularmente interessante no que à prática avaliativa diz respeito. Não me refiro aos esforços

para se “aprimorarem” formas de fazer os tradicionais testes, de modo a dificultar o “copiar”, mas sim a necessidade que os professores, em particular os que ensinam matemática, sentiram em dar um apoio mais continuado aos seus alunos. Talvez por não existir uma interação presencial, reconhecida como facilitadora de aprendizagem, os professores sentiram-se responsáveis por apoiarem os seus alunos de forma diferente do habitual. Assistimos, assim, à tendência de uma prática crescente de fornecimento de *feedback*, quer escrito, quer oral, às produções dos alunos. Não me chegaram argumentos de falta de tempo, nem em dificuldades de chegar a todos os alunos. E porquê? Por se ter criado a ideia na sociedade que os alunos não iriam aprender tudo o que seria esperado naquele ano (ouviram-se discursos vindos de diversas áreas sossegando os pais que o início deste novo ano seria dedicado a trabalhar o que ainda não tinha sido feito), reduzindo, deste modo, nos professores, a pressão de cumprir o programa? Ou por não haver qualquer tipo de avaliação externa, à exceção do 12.º ano? Saberão talvez responder a estas questões melhor do que eu!

Esperamos que, tão breve quanto possível, a nossa vida retome a normalidade. Mas há que dar continuidade ao que de bom aconteceu nestes últimos tempos. Esta intenção está expressa neste número da revista através de uma valorização de artigos que se focam nalguma dimensão da avaliação formativa. Esta aposta não excluiu naturalmente outros olhares sobre a avaliação e outros contextos para além da sala de aula de matemática, também possíveis de serem encontrados nesta revista. A título de exemplo, refiro a avaliação externa, a tecnologia na avaliação, a formação contínua e inicial. Porque para compreender a realidade é necessário ouvir os diversos sujeitos que nela intervêm, foi ainda dada voz a alunos e a encarregados de educação.

A concluir, é minha convicção que a experiência que muitos dos professores que ensinam matemática tiveram, juntamente com a partilha de práticas de colegas que já tinham iniciado anteriormente a mudança, contribuirá para a consolidação de práticas avaliativas formativas. É habitual dizer-se que não se mudam práticas profissionais de um momento para o outro. Concordo. Mas a mudança já foi iniciada e ganharam-se novas experiências, logo não há mais tempo a perder!

LEONOR SANTOS

UIDEF, INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, UNIVERSIDADE DE LISBOA